

---

ARISTÓFANES. *As Aves*. Tradução, introdução, notas e glossário de Adriane da Silva Duarte. Edição bilíngüe. São Paulo: Hucitec, 2000. 265 p.

---

A peça *As Aves* de Aristófanes tem um destaque todo especial no conjunto da obra do maior comediógrafo grego da antigüidade. Então é mais do que louvável a publicação dessa comédia, traduzida por Adriane da Silva Duarte, como parte da sua Dissertação de Mestrado, e agora enriquecida por uma introdução atualizada, numa abordagem, ao mesmo tempo, completa e sucinta, descrevendo a trajetória literária de Aristófanes, com a impressionante clareza própria da autora. À tradução acompanham notas bem definidas e não exaustivas, completadas, por sua vez, por um glossário oportuno e leve, os quais, em conjunto, tornam a leitura agradável e eficiente, algo raro de se encontrar nas traduções do grego para o português. Por ser uma edição bilíngüe (grego-português), permite a leitura nas duas línguas, verso por verso.

“Embora faça referências a personalidades e a situações contemporâneas, como era de costume na comédia antiga, *As Aves* é especialmente atraente para o leitor moderno por contar uma história de apelo universal, que faz lembrar um conto popular”, explica a autora na introdução. A peça traz dois velhos cidadãos atenienses cansados da agitação da sua cidade, espe-

cialmente da mania pelos tribunais, e dispostos a encontrar uma cidade mais tranqüila ou, se for preciso, fundar uma ao seu gosto (vv. 36-48):

**B.L.** ...Não odiamos aquela cidade pelo que ela é:/ grande por natureza, feliz/ e comum a todos que pagam taxas./ As cigarras, por um mês ou dois,/ cantam sobre os ramos, mas os atenienses/ cantam sempre sobre as tribunas, a vida toda./ Por isso fazemos esta caminhada/ com uma cesta, uma panela e coroas de mirto,/ vagamos em busca de um lugar tranqüilo,/ onde pousar e passar a vida.

Mas podemos notar uma contradição nos dois personagens principais, a partir de seus nomes: Bom de Lábia (Pisetero) e Tudo Azul (Evélpides). Eles são guiados por dois pássaros e procuram o mítico Tereu, homem que foi transformado em pássaro, juntamente com sua mulher Procne e sua cunhada Filomela, numa triste história de traição, violência e canibalismo. Tereu, a poupa, saberia informar sobre o lugar por eles desejado. Porém, depois de rejeitarem as sugestões da poupa, resolvem criar uma cidade nas nuvens, a Cuconuvolândia, convencendo os pássaros da sua antiga realeza sobre todos os deuses. Os dois homens recebem asas, e Bom de Lábia casa-se com Sobe-

rania, tornando-se, desse modo, o senhor do universo.

Por esse enredo, observa-se que as intenções de Bom de Lábia não eram as mesmas de Tudo Azul, que, convenientemente, desaparece, na segunda metade da peça. Toda a obra de Bom de Lábia é atribuída ao seu caráter persuasor: primeiro persuadiu Tudo Azul a acompanhá-lo; depois Tereu, a ser seu cúmplice diante dos outros pássaros; em seguida, convenceu os próprios pássaros a fundarem Cuconuvolândia; então os homens foram persuadidos, na parábase, de que deveriam sacrificar aos pássaros e não mais aos deuses; e, finalmente, Bom de Lábia persuadiu os deuses a lhe darem Soberania como esposa.

Somos então surpreendidos pelo tema real da peça, a palavra. “*As Aves* é uma comédia sobre o poder das palavras”, esclarece a autora na introdução. “Emblemática dessa condição é a idéia da fundação da cidade dos pássaros, que surge para Bom de Lábia a partir de um trocadilho (pólo – pólis, v. 184). Todo o seu plano está, literalmente, na ponta da língua, depende de sua capacidade de convencimento. A palavra de Bom de Lábia é poderosa não só porque é capaz de alterar o mundo, mas também porque confere poder ao seu usuário”.

Adriane nos adverte ainda de que somente na Atenas do século V, uma cultura, predominantemente, oral com um regime democrático, tal poder seria atribuído à palavra, mesmo na imaginação.

Dessa maneira, é equivocada a afirmação de que *As Aves* é uma comédia de escape, quando os princípios essenciais da pólis ateniense estão ali expressos.

*As Aves* inaugura uma nova era na comédia aristofânica. A partir de agora, a voz do poeta, que era ouvida nitidamente na parábase, “seção característica da comédia antiga, em que o coro é deixado sozinho em cena e passa a se dirigir diretamente aos espectadores”, é silenciada. O coro de pássaros fala em seu próprio nome e demonstra que foi mais que persuadido por Bom de Lábia sobre sua divindade, pois tecem sua própria teogonia, num estilo que faz lembrar a de Hesíodo.

Somente a leitura dessa peça tão especial vai refletir o seu verdadeiro valor. E agora temos em mãos uma excelente tradução para o português, acompanhada do texto original grego, que vai possibilitar aos estudiosos da língua grega uma leitura ainda mais eficiente.

ANA MARIA CÉSAR POMPEU\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo.

#### NOTA

- \* Professora de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação de Letras da Universidade Federal do Ceará-UFC e Doutoranda em Grego do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.